



**FACULDADE UNIÃO DE GOIAZES
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**ANÁLISE PANORÂMICA DA UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM DE SINAIS NA
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**

**Débhora Tauanny Fecundes Guimarães
Élida Cassia Marques de Souza**

**Orientador: Prof. Esp. Wanuse Souza Lopes
Coorientador: Prof. Ms. Nilton Carlos do Valle**

Trindade - GO

2014

**FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**ANÁLISE PANORÂMICA DA UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM DE SINAIS NA
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**

Débhora Tauanny Fecundes Guimarães

Élida Cassia Marques de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Esp. Wanuse Souza Lopes

Coorientador: Prof. Ms. Nilton Carlos do Valle

Trindade - GO

2014

Débhora Tauanny Fecundes Guimarães
Élida Cassia Marques de Souza

**ANÁLISE PANORÂMICA DA UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM DE SINAIS NA
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Ciências Biológicas, aprovada pela
seguinte banca examinadora:

Prof. Esp. Wanuse Souza Lopes (Orientadora)
Faculdade União de Goyazes

Prof. Esp. Michele Queiroz Braz Teles
Faculdade União de Goyazes

Prof. Ms. Hélio Pinheiro de Andrade
Faculdade União de Goyazes

Trindade - GO
06/2014

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em nossas vidas, autor do nosso destino, nosso guia, socorro presente na hora da angústia, e aos nossos pais em nome de todos os nossos familiares que compreenderam nossos momentos de ausência ao longo deste período.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a **Deus**, pois se não fosse vontade dele, não teríamos chegado até aqui. Aos **nossos pais** e a toda nossa família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que chegássemos até esta etapa de nossas vidas. Agradecemos também a todos os professores que nos acompanharam durante a graduação, e nossa orientadora Prof.^a Esp. Wanuse Souza Lopes, responsável pela realização deste trabalho.

“O universalismo que queremos hoje é aquele que tenha como ponto em comum a dignidade humana. A partir daí, surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Temos direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.”

BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS

"Inclusão é sair das escolas dos diferentes e promover a escola das diferenças."

MANTOAN

ANÁLISE PANORÂMICA DA UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM DE SINAIS NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

Débhora Tauanny Fecundes Guimarães¹

Élida Cassia Marques de Souza¹

Wanuse Souza Lopes²

Nilton Carlos do Valle³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica que promova a reflexão sobre a importância da LIBRAS no processo de ensino-aprendizagem do Surdo, especialmente no ensino de ciências, utilizando como recurso materiais didáticos adequados e adaptados. Para elaboração de tais materiais tornou-se indispensável o estudo das características da pessoa surda, assim como o processo histórico educacional do surdo, aspectos culturais e questões relevantes para seu aprendizado, como a LIBRAS-Língua Brasileira de Sinais. No que diz respeito à elaboração de material didático para a educação de surdos, é importante ressaltar que estes deverão auxiliar e facilitar a aprendizagem do aluno e, ao mesmo tempo, assessorar no ensino do professor, de forma a contribuir para uma aprendizagem bem-sucedida. E a adaptação desse material será aceitável desde que o conteúdo e os objetivos permaneçam os mesmos, precisando modificar apenas a forma como o aluno terá acesso a esse mecanismo de aprendizagem, visto que adaptar é o mesmo que ajustar ou modificar algo o tornando acessível ao público ao qual se destina. Quanto a avaliação do surdo é importante a criação de estratégias, por parte do professor, interprete e da escola, a fim de atender aos alunos surdos assim como as especificidades de sua escrita e a de qualquer outro indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação de material. LIBRAS. Surdo.

PANORAMIC ANALYSIS OF THE USE OF SIGN LANGUAGE IN EDUCATION IN SCIENCE

ABSTRACT:

This study's main purpose is to provide a reflexion on the use of the Brazilian Signal Language – LIBRAS – as a tool for deaf and dumb education, mostly in the case of Science teaching with the support of pedagogical adapted stuff. Amongst many topics necessary to a bibliographic research, the characteristics of a deaf person have been highlighted, as well as the cultural and historic aspects of deaf education and the particular use of the LIBRAS. It is important to emphasize that the adapted

pedagogical instruments are indispensable help for a successful teaching and learning situation. They must be suited to these special students without modifying their content, their objectives and their usability. The assessment must be done through well planned pedagogical strategies so to evaluate their progress according the needs and capabilities applied to this case.

KEY WORDS: Pedagogical stuff adaption. Education for deaf and dumb. LIBRAS.

¹ Acadêmico do Curso de Ciências Biológicas da Faculdade União de Goyazes.

² Orientador: Prof. Esp. Wanuse Souza Lopes da Faculdade União de Goyazes.

³ Coorientador: Prof. Ms. Nilton Carlos do Valle da Faculdade União Goyazes e Universidade Católica de Goiás.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
ILS	Interprete de língua de sinais
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
PNE	Portadores de necessidades especiais
ECA	Estatuto da criança e do Adolescente
Art.	Artigo
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
ASL	Língua Americana de Sinais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CNE	Conselho Nacional de Educação
CEB	Câmara de Educação Básica
n°	Número
LP	Língua portuguesa
MEC	Ministério da Educação
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
p.	Página
et.al	Colaboradores

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Estereotipação do surdo.....	15
Tabela 2.	Classificação dos recursos audiovisuais.....	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Exemplos de vocabulários referentes ao corpo humano.....	27
Figura 2.	Exemplos de vocabulários referentes aos animais.....	28
Figura 3.	Exemplos de vocabulários referentes a natureza.....	29
Figura 4.	Jogo da memória (frutas).....	32
Figura 5.	Domino em Libras (animais).....	32
Figura 6.		
Quebra-Cabeça.....		33

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. METODOLOGIA.....	14
3. DISCUSSÃO.....	14
3.1 Quem é o indivíduo surdo?	14
3.2 Histórico da educação de surdo.....	16
3.3 As diferentes concepções aplicadas à surdez.....	18
3.4 Cultura e comunidades surdas.....	20
3.5 Língua brasileira de sinais – libras.....	21
3.6 Adaptação curricular para surdos.....	24
3.7 A importância do ensino de ciências.....	26
3.8 Elaboração dos materiais didáticos adaptados.....	30
3.9 Avaliação do aluno surdo.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERENCIAS.....	37
ANEXOS.....	41

1. INTRODUÇÃO

A questão da escolha da modalidade linguística, ou seja, que língua a criança surda deve aprender, é muito polêmica. Até hoje, a grande maioria dos pesquisadores, educadores e profissionais da fonoaudiologia e da medicina não chegou a um consenso sobre o tema.

Entretanto, a criança surda precisa dominar uma língua. As opções são duas: a língua oral-que é uma língua oral-auditiva e tem como canal receptor a audição – ou a língua de sinais-considerada a língua natural das pessoas surdas por ser espaço-visual e ter como canal receptor a visão.

Pretende-se com essa pesquisa apresentar uma proposta inclusiva e bilíngue que estabelece que a educação escolar de surdos deve ser baseada nas duas línguas, com privilégios diferentes: a língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua da comunidade ouvinte local como segunda língua (L2).

Uma proposta educacional bilíngue e bicultural para surdos caracteriza – se por uma língua oral usada na comunidade ouvinte e uma língua de sinais própria da comunidade surda. No caso do Brasil têm – se a língua portuguesa e a LIBRAS – Língua Brasileira de sinais usada pelas comunidades surdas nos centros urbanos brasileiros. (QUADROS, 1997, p.46).

No ano de 2002, foi publicada a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, decretada pelo então Presidente da república Fernando Henrique Cardoso que dispõe sobre o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, como língua materna da comunidade surda. Essa Lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Além de regulamentar a LIBRAS como língua oficial das comunidades surdas brasileiras, reconheceu a necessidade de atuação do profissional Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - ILS para intermediar a comunicação entre ouvintes e surdos nas diversas instituições públicas e na educação de surdos, estabelecendo os critérios fundamentais para formação de intérpretes.

Segundo (SILVA 2013) a educação de surdos passou por muito tempo pela imposição da maioria ouvinte que privilegiava o método oral e o treinamento auditivo

e foi amplamente difundido no Brasil. As pessoas ouvintes é que decidiam como os surdos deveriam aprender, impondo a sua vontade e ocasionando um atraso escolar nos alunos surdos decorrente da falta de respeito à sua língua e cultura.

É importante lembrar que no espaço escolar as diferenças coexistem de forma intensa. Estando o professor preocupado em promover a interação entre os alunos na expectativa de diminuir as distancias existentes entre os mesmos e em consequência favorecer a aprendizagem. É necessário conhecer suas singularidades. “O professor, na educação inclusiva, precisa ser preparado para lidar com as diferenças, com a singularidade e a diversidade de todas as crianças e não com um modelo de pensamento comum a todas elas” (NASCIMENTO, 2009, p.6).

Desta forma quanto se objetiva utilizar uma proposta bilíngue que vise contribuir para a participação efetiva de alunos surdos nas aulas é necessário conhecer o indivíduo surdo abordando suas aspirações características, a visão histórica da sociedade e a forma que a mesma lida com pessoas portadoras de necessidades especiais ao longo dos anos. Afim de se poder elaborar didáticas que auxiliem no processo de ensino aprendizagem tanto de alunos surdos quanto de ouvintes. Sobre esse aspecto (NASCIMENTO, 2009, apud Prado e Freire, 2001, p.5) enfatiza:

Cabe ao professor, a partir de observações criteriosas, ajustar suas intervenções pedagógicas ao processo de aprendizagem dos diferentes alunos, de modo que lhes possibilite um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sociocultural (PRADO & FREIRE, 2001, p.5).

A sugestão de materiais pedagógicos adaptados que possam ser utilizados tanto por surdos quanto por ouvintes, no desenvolvimento das aulas de ciências. Como jogos, dominós, roletas entre outros, envolvendo sinais em libras, imagens de temas ciências, e a língua oral-auditiva podem servir como intervenção pedagógica auxiliando a interação entre os alunos e a aquisição de conhecimentos científicos tão importantes para a formação do pensamento crítico dos mesmos.

O objetivo geral deste estudo e promover a reflexão sobre a importância da LIBRAS no processo de ensino-aprendizagem de Surdos, especialmente no ensino de ciências, por meio de materiais didáticos adequados.

2. METODOLOGIA

O trabalho em estudo foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica na qual buscando ressaltar alguns elementos que evidenciam a importância do uso da Língua de Sinais Brasileira no ensino de Ciências para o aluno surdo.

Realizando primeiramente a seleção de dados por meio de uma pré-leitura e pesquisas em livros, artigos científicos, site (MEC, IBGE, FENEIS) e blogs disponíveis na internet informações desejadas como; Surdez, histórico da educação do surdo, Língua de Sinais e sua legislação, e a importância da adaptação do material didático para esse aluno. A princípio foi feita uma leitura e o apanhado de algumas obras as quais foram analisadas mais atentamente e com mais profundidade.

Após realizarmos a leitura do material buscamos estabelecer relações, comparar idéias para contrapor e ao mesmo tempo revalidar opiniões dos autores em estudo acerca da utilização do material didático no ensino de ciências adaptado para o aluno surdo.

Recomendamos alguns materiais pedagógicos adaptados que podem ser utilizados tanto por surdos quanto por ouvintes, no desenvolvimento das aulas de ciências, com a finalidade de que esse indivíduo surdo sinta-se incluído ao demais grupo, como por exemplo (vide em anexo): dominós, quebra-cabeças, caça palavras, fichas entre outros, envolvendo sinais em libras, imagens de temas em ciências, e a língua oral-auditiva devido ao fato da interação entre os alunos ouvintes e surdos, tendo o professor como mediador ser algo essencial para uma inclusão efetiva, a qual se dará pelos processos visuais.

3. DISCUSSÃO

3.1 Quem é o indivíduo surdo?

Os indivíduos surdos são por vezes chamados de surdos–mudos, deficientes auditivos e costumam despertar piedade, apreensão e discriminação na sociedade, que não sabe como se relacionar com o sujeito surdo considerando que pouco se

discute e pouco se sabe sobre a história dos surdos. “O povo ouvinte, por falta de acesso a informações, nomeia erroneamente as representações de surdos.” (STRÖBEL, 2007, p.5).

Cumpre lembrar que vivemos em uma sociedade majoritária ouvinte. Diante desta realidade muitas vezes o indivíduo surdo é considerado incapaz ou doente caso não consiga dominar a língua oral – auditiva imposta por esta sociedade. Sobre este aspecto STRÖBEL ressalta:

Nas representações diferenciadas acerca de surdos que se destacaram e tiveram influências ao longo da história, cada sujeito surdo torna-se participante obrigatório em uma competição que vai determinar se vai ser estereotipado ou não, porque se não “falar” ou “ouvir” como o esperado pela sociedade, poderá ser definido como possuidor de uma incapacidade ou de incompetência (STROBEL, 2007, p.4).

O quadro (tabela 1) a seguir foi apresentado por (STRÖBEL, 2007) e demonstra como os sujeitos surdos podem ser estereotipados negativamente pela sociedade, que segundo a autora na maioria das vezes não consegue ver esses indivíduos como pessoas pertencentes a uma comunidade com cultura, tradições e aspectos linguísticos comuns.

Tabela 1. Estereotipação do surdo

Representação social	Representação de povo surdo
Deficiente	“Ser surdo”
A surdez é deficiência na audição e na fala	Ser surdo é uma experiência visual
A educação dos surdos deve ter um caráter clínico-terapêutico e de reabilitação.	A educação dos surdos deve ter respeito pela diferença linguística cultural.
Surdos são categorizados em graus de audição: leves, moderados, severos e profundos.	As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas.
A língua de sinais é prejudicial aos surdos.	A língua de sinais é a manifestação da diferença linguística relativa aos povos surdos.

Fonte: (STRÖBEL, 2007, p 32.)

A representação surda tem lutado ao longo dos anos para construir um espaço igualitário para o povo surdo, procurando respeitar suas identidades e sua legitimação como grupo. Sob esta perspectiva são enfatizados os aspectos positivos da surdez experimentados pelos próprios surdos como língua cultura e comunidade com diferencial linguístico e cultural.

3.2 Histórico da educação de surdos

Ao longo dos anos os indivíduos surdos tiveram que lutar contra uma sociedade preconceituosa que sempre demonstrou dificuldades em lidar e aceitar as diferenças. Sobre esse aspecto PEREIRA *et.al* ressalta:

Em meados do século XIX, as pessoas com deficiência eram vistas como incapazes, abandonadas, dignas de caridade e chegavam inclusive em algumas sociedades a serem exterminadas, pois, a sociedade acreditava que essas pessoas seriam as principais responsáveis pelo não desenvolvimento do país. (PEREIRA *et.al* 2012, p. 2).

No início do século XVI o médico pesquisador italiano Gerolamo Cardano, que viveu no período de (1501-1576) concluiu que a surdez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos (MESERLIAN & VITALIANO, 2009).

Assim, segundo (RODRIGUES, 2010), A Educação Especial no Brasil é marcada por quatro fases sendo elas: exclusão, segregação institucional, integração e inclusão. Com base nessa afirmação discutiremos a seguir o percurso histórico dos indivíduos com algum tipo de necessidade especial de acordo com cada fase.

De acordo com (PEREIRA *et.al* apud Sassaki 1997) a fase da exclusão é o período que as pessoas com deficiências eram ignoradas, rejeitadas, perseguidas e exploradas, pois não havia nenhuma forma de atenção educacional a essas pessoas. Os surdos eram considerados pessoas incapazes de aprender algo. Por essa razão não frequentavam escolas, eram excluídos da sociedade, privados de seus direitos básicos (como casar e herdar bens), ficando com a própria sobrevivência comprometida.

Na fase da segregação institucional, já existe uma preocupação com o desenvolvimento educacional dessas pessoas. O atendimento educacional era

oferecido geralmente nas chamadas instituições especializadas. Houve uma separação entre escola regular para ouvintes e escola especial para surdos ou indivíduos portadores de outras necessidades especiais (RODRIGUES, 2010).

Na integração os indivíduos com necessidades especiais de aprendizagem foram e integrados ao ensino regular, porém eles é que precisavam se adequar à escola e a sociedade sem que nenhuma mudança ocorresse em termos de modificação de atitudes, de espaços físicos, de objetos de práticas sociais e no currículo escolar para atender suas especificidades. Neste sentido Chicon & Soares (2011, p.5) afirma que:

A integração significa a inserção da pessoa PNE preparada para conviver na sociedade, esta deve se adaptar ao meio. Neste tipo de inserção a escola oculta o seu fracasso, isolando os alunos e integrando somente os que não constituem um desafio à sua competência.

No dia 13 de julho de 1990, foi publicada a Lei N° 8.069 que dispõe sobre estatuto da Criança e do adolescente (ECA), estabelecendo em seu artigo 55, que: “Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”. E complementa no seu art. 5º que:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

“Em 1990, aconteceu a Conferência Mundial sobre Educação para Todos. Nesta conferência, as nações unidas garantiam a democratização da educação, independentemente das diferenças particulares dos alunos” (CHICON & SOARES, 2011, p. 20)

Em 1994 os esforços voltados para a busca pela inserção efetiva de pessoas portadoras de necessidades especiais na sociedade se intensificaram. No mês de junho deste mesmo ano ocorreu a, e Salamanca, na Espanha, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Esta conferência tinha o seguinte objetivo:

Promover a Educação para Todos, analisando as mudanças fundamentais de políticas necessárias para favorecer o enfoque da educação integradora, capacitando realmente as escolas para atender todas as crianças, sobretudo as que têm necessidades especiais. CHICON & SOARES apud (Declaração de Salamanca, 1994, p.5)."

Esta fase conhecida como inclusão é definida por (CHICON & SOARES, 2011, apud SASSAKI, 1997, p. 41) como:

O processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Desta forma na fase da inclusão procura-se uma adequação tanto das instituições de ensino, quanto de outros sistemas sociais em relação aos indivíduos surdos e demais necessidades especiais, ou seja, a escola e a sociedade é que devem se adequar aos mesmos afim de atendê-los em suas singularidades.

3.3 As diferentes concepções aplicadas à surdez

No trabalho com a diversidade e de fundamental importância que o professor tenha conhecimento das inúmeras deficiências assim como as suas características e a visão histórica das deficiências pela a sociedade. No que diz respeito ao aluno surdo e de extrema importância o conhecimento sobre as definições de surdez.

E segundo Brasil (2006, p. 19) a surdez,

Consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição. Sob o aspecto da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda média em decibéis, na zona conversacional (frequência de 50 – 1000 – 2000 hertz) para o melhor ouvido.

Por outro lado do ponto de vista da tradição da clínica médica, a surdez é tida como uma deficiência se comparada com a comunidade ouvinte, a qual coloca o indivíduo surdo em situação de desvantagem, ao serem comparados à maioria da população que é ouvinte. Sendo a partir então que surge a busca pela “normalização”, isto é, tentativa de tornar o indivíduo surdo um ouvinte, de alguma forma ou pelo menos minimizar essa “deficiência” com exercícios constantes da audição, da leitura labial, da fala, do uso de próteses, cirurgias etc.

O que fica claro segundo Slomski (2011, p. 29) que diz,

Numa concepção clínica, a surdez é vista como uma patologia, um déficit biológico, e a pessoa surda, como deficiente auditivo e/ou “incapaz” que precisa ser “curado” por profissionais por meio da reabilitação da fala, ou seja, trazido à normalidade para integrar-se à sociedade majoritária ouvinte.

A visão clínica-terapêutica nos conduz a uma correlação direta entre as deficiências auditivas e alguns problemas emocionais, linguísticos, sociais e intelectuais como sendo característico da surdez.

No entanto esse modelo de oralismo fracassou após alguns anos de discussão e práticas educacionais que permitem ressaltar enormes consequências, as quais podem ter contribuído para a marginalização do indivíduo surdo e além de ter influenciado na formação da sua identidade.

Por outro lado uma nova visão começa a ser construída, na qual surdez é entendida como uma diferença cultural e não uma doença, a qual trata-se da visão sócio-cultural.

Nesta visão então o indivíduo surdo é tido como uma pessoa que possui uma dificuldade ou uma perda auditiva que o impede de adquirir, a fala, a língua oral-auditiva que é usada pela comunidade ouvinte, e, portanto o indivíduo tem o direito de construir sua própria identidade com base direta nessa característica própria que possui, e a qual o levava a fazer parte de uma comunidade própria, da língua de sinais, experiências visuais, que tornam o indivíduo surdo único.

Deus (2012, p.3) relata que,

A surdez não afeta a capacidade intelectual do indivíduo, nem sua habilidade para aprender, mas uma criança surda perde a estimulação linguística das crianças normais. Pode ainda ter problemas emocionais e psicológicos, alterações de aprendizado, alterações de fala, problemas no trabalho, insatisfação e solidão.

E mesmo que o indivíduo surdo apresente problemas sociais, de comunicação e Linguísticos, os mesmos não precisam estar unicamente relacionados ao déficit auditivo que o indivíduo apresenta, pois o mesmo influencia na sua capacidade de aprendizagem.

Segundo Alpendre (2008), no modelo patológico, a ineficiência da aquisição e desenvolvimento da língua oral-auditiva e nas atividades escolares, é atribuído à deficiência, a qual limita esse indivíduo. Enquanto no modelo sócio-cultural, as dificuldades surgiram, porém foram parte do desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo surdo. Remetendo o fracasso ao questionamento dos métodos de

educação, os quais estariam se mostrando inadequados para favorecer o desenvolvimento do indivíduo surdo, devendo, portanto ser aperfeiçoados.

Com isso então, é importante a implantação do Bilinguismo, o qual é o estudo de duas línguas: a língua brasileira de sinais e a língua portuguesa tanto em sua modalidade oral quanto escrita (BRASIL, 2006).

E que propõem ao surdo duas línguas, no espaço escolar: a língua de sinais como L1 (primeira língua) e a língua portuguesa como L2 (segunda língua) como forma de aperfeiçoar os métodos educacionais, pois garante ao indivíduo surdo o ensino da língua de sinais, a qual é de fundamental importância para o indivíduo surdo e deve ser adquirida em momentos diferentes a fim de evitar o bimodalismo, que seria a mistura de estruturas presentes na língua portuguesa com a língua de sinais.

3.4 Cultura e comunidades surdas

É inegável que os surdos apresentam diferenças quanto ao modo de assimilar o mundo o que gera valores, ideias, conceitos, categorias, crenças comportamento comuns compartilhados e tradições sócio interativas. Este modo de vida é denominado por vários estudiosos e pelos próprios surdos de cultura surda.

Os surdos consideram-se essencialmente visuais, com uma língua visual, uma organização social, uma história e com valores morais que lhe são próprios, isto é, estas pessoas têm sua própria maneira de ser e possuem uma língua e cultura próprias (MIRANDA 2010, p. 10 apud LANE, 1992).

Segundo (CAMPOS, 2010, apud PADDEN, 1989) ser uma pessoa surda não significa dizer que esta faça parte da cultura e comunidade surda. Considerando que grande parte dos surdos pertence a uma família ouvinte e adotam a cultura destes, tentando aprender a língua oral-auditiva. Desta forma não aprendem LIBRAS, não conhecem Associações de Surdos, tornando-se apenas um deficiente auditivo e não um ser surdo.

Entretanto quando o surdo é envolvido em causas voltadas para conquistas relativas ao reconhecimento dos direitos dos surdos, sua importância enquanto grupo, no uso da língua de sinais, tentando se reconhecido pela sociedade

como pessoas que possuem história e aspectos linguísticos comuns, deixam de ser avaliado somente pelo déficit auditivo e torna-se uma pessoa pertencente a cultura e comunidade surda, mesmo interagindo e morando com ouvintes.

Uma Comunidade Surda é um grupo de pessoas que mora em uma localização particular, compartilha as metas comuns de seus membros e, de vários modos, trabalha para alcançar estas metas. Portanto, nessa Comunidade pode ter também ouvintes e surdos que não são culturalmente Surdos (CAMPOS, 2010 p.1).

Todavia para os autores Santana & Bergamo (2005) existe outro modo de discutir essa questão, argumentando para o fato de que os surdos apenas por fazerem parte de um grupo que fala uma língua determinada, não significa que os mesmos pertençam a outra cultura já que cultura implica bem mais que se ter uma língua em comum, considerando que surdos e ouvintes crescem em uma mesma cultura a partir do momento em que pertencem a uma mesma sociedade.

Os surdos e os ouvintes crescem numa mesma cultura a partir do momento em que participam de um mesmo universo social. Valores crenças e símbolos específicos, não expressam uma cultura diferente, apenas indica a particularidade de um grupo dentro de um sistema social dado (SANTANA & E BERGAMO 2005, p.9).

3.5 Língua brasileira de sinais – LIBRAS

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais representa uma das línguas faladas no Brasil sendo ela de dimensão espacial e corporal, a qual se baseia em sinais formados a partir de movimento das mãos, do corpo e de expressões faciais, e tem por finalidade apresentar ao aluno surdo a cultura surda, tornando possível ao surdo a transmissão de pensamentos, expressão de ideias e interação com os demais a sua volta.

O que fica claro quando Quadros (2006, p.26)

A língua de sinais é uma língua espacial-visual e existem muitas formas criativas de explora - lá. Configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores são alguns dos recursos discursivos que tal

língua oferece para serem explorados durante o desenvolvimento da criança surda e que devem ser explorados para um processo de alfabetização com êxito.

E foi criada a partir da necessidade do indivíduo surdo de se comunicar com os demais indivíduos, por não poderem fazer isso de forma natural, ou seja, pela língua oral sendo de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual e socialização do indivíduo.

Pois segundo Almeida e Fonseca (2013, p. 67) é a língua que permite ao ser humano relacionar-se com o mundo. Por meio dela é possível transmitir pensamentos, ideias e interagir com seus pares. Língua e linguagem estão ligadas e é impossível imaginar a vida sem elas, pois é um instrumento essencial na vida humana.

Sendo reconhecida legalmente por meio da lei nº10.436 de 24 de abril de 2002, decretada pelo presidente da República Fernando Henrique Cardoso, e a partir do Decreto 5.626/05 o qual regulamentou a lei, as propostas educacionais do Bilinguismo começam a ser estruturadas. Esta lei apoia o uso e a difusão da LIBRAS como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil, sendo o único meio de substituição da língua oral dos ouvintes, porém não podendo substituir a modalidade padrão escrita utilizada na língua portuguesa.

A qual dispõe:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Porém é importante ressaltar primeiramente que apesar de muitos acreditarem que a língua de sinais seja apenas um agrupamento de gesto, mímicas ou teatralização sendo incapaz de expressar conceitos não concretos por ser basicamente uma língua visual-motora, a mesma possui estruturação gramatical, sistema abstrato e complexidade linguística, assim como a língua oral. Sobre esse olhar Quadros (2006) diz,

Esta forma de linguagem é rica, completa, coexiste com as línguas orais, mas é independente e possui estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas. É lógica e serve para atingir todos os objetivos de forma rápida e eficiente na exposição de necessidades, sentimentos, desejos, servindo plenamente para alimentar os processos mentais (QUADROS, 2006 p.35).

Outro ponto importante e fato de acreditarem que a língua de sinais seria uma versão sinalizada da oral o que não teria fundamento, pois apesar de ser uma língua complexa como a oral, ela possui uma estruturação própria e diversificada.

E por último a crença de que a língua de sinais seria uma língua universal, acreditando que a conhecendo seria possível comunicar-se com um surdo de qualquer lugar do mundo. O que não seria correto, pois assim como a língua oral padrão a língua de sinais também sofre alterações de um lugar para outro dependendo da comunidade surda que o indivíduo pertença, com características próprias de acordo com a nacionalidade ou com a sua regionalidade.

Quadros (1997, p. 48), expressa isso muito bem:

“Assim como as línguas orais, tais línguas não são universais, isto é, cada país apresenta a sua... Tais línguas são diferentes assim como há diferença entre o português e o francês, assim como há diferenças entre quaisquer línguas”.

Porém a língua brasileira de sinais assim como a língua americana de sinais-ASL tiveram influência da língua francesa de sinais, devido ao fato dos primeiros e principais educadores surdo terem sido de lá, porém ao mesmo tempo sem deixarem de serem línguas distintas.

3.6 Adaptação curricular para surdos

A educação de alunos surdos no ensino regular tem sido objeto de estudos e discussões ao longo do tempo. Várias são as políticas voltadas para o enfrentamento do problema. No entanto são encontradas diversas barreiras para que ocorra uma adaptação efetiva desses indivíduos nas escolas. “Os desafios colocados para a educação dos alunos surdos no ensino regular são diversos e tem sido objeto de discussões, assim como de esforços, de diversos atores sociais, governo e sociedade civil organizada” (SILVA, 2011, p. 1).

Para que ocorra a inclusão de alunos surdos no ensino regular é necessário que as escolas organizem sua proposta educacional de modo que possam oferecer-lhes as mesmas condições de desenvolvimento dos alunos ouvintes sendo o professor responsável por oferecer didáticas que se ajustem as necessidades dos alunos. “As adaptações curriculares, de planejamento, objetivos, atividades e formas de avaliação, no currículo como um todo, ou em aspectos dele, são para acomodar os alunos com necessidades especiais” (SILVA, 2013, p. 3 apud FRANCO, 2007).

Pelos seguintes dados, pode-se perceber como é de extrema importância e urgência que medidas sejam tomadas no sentido de promover uma verdadeira inclusão escolar dos Surdos, o que implica repensar, também, o que vem a ser uma educação de qualidade para os Surdos, porque não basta o ingresso dos mesmos nas instituições de ensino, é necessário oferecer a eles condições de permanecerem no sistema escolar.

De acordo com Rodrigues (2011) os dados do Censo Escolar 2010 apontam que três quartos dos alunos surdos matriculados estavam incluídos em classes regulares, um aumento de 30% em relação a 2008. Porém quando comparados aos dados da população brasileira como um todos os mesmo números mostram que os surdos estão longe de estar incluídos no sistema escolar.

Segundo artigo publicado pela revista G1 em (2012, apud BRASIL 2010) pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico-IBGE, apontam que no ano de 2010, cerca de 9,7 milhões de brasileiros possuíam comprometimento auditivo, o que representa 5,1% da população brasileira. Deste total 1,7 milhões têm grande dificuldade para ouvir, 344, 2 são surdos e 7,5 milhões apresentam alguma dificuldade auditiva.

Para que a aprendizagem realmente aconteça à escola precisa ter o aluno como o centro de suas ações, ou seja, a escola é que deve se adequar ao aluno e não o aluno a escola. Isso só é possível se a instituição de ensino for capaz de inovar suas práticas pedagógicas, baseando-se não somente na aceitação, mas na valorização das diferenças. Além disso, é importante possuir profissionais capacitados que dominem a língua de sinais e que sejam capazes de desenvolver estratégias de ensino diversificado.

Valorizar a história de vida dos alunos criando oportunidades para que a família dos mesmos participe da busca de recursos que auxiliem o aluno em suas necessidades é essencial, considerando que quanto mais se conhece o aluno mais fácil será atendê-lo em suas singularidades.

Compreende-se que sendo a escola, o primeiro espaço e fundamental da manifestação da diversidade, decorre a necessidade de repensar e defender a escolarização como princípio inclusivo, reconhecendo a possibilidade e o direito de todos que não são por ela alcançados. Sobre essa questão a resolução CNE/CEB nº2/2001 determina, no Art. 2 que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2001).

Desta forma, o movimento de inclusão traz como premissa básica, propiciar a Educação para todos, uma vez que, o direito do aluno com necessidades educacionais especiais e de todos os cidadãos à educação é um direito constitucional.

3.7 A importância do ensino de ciências

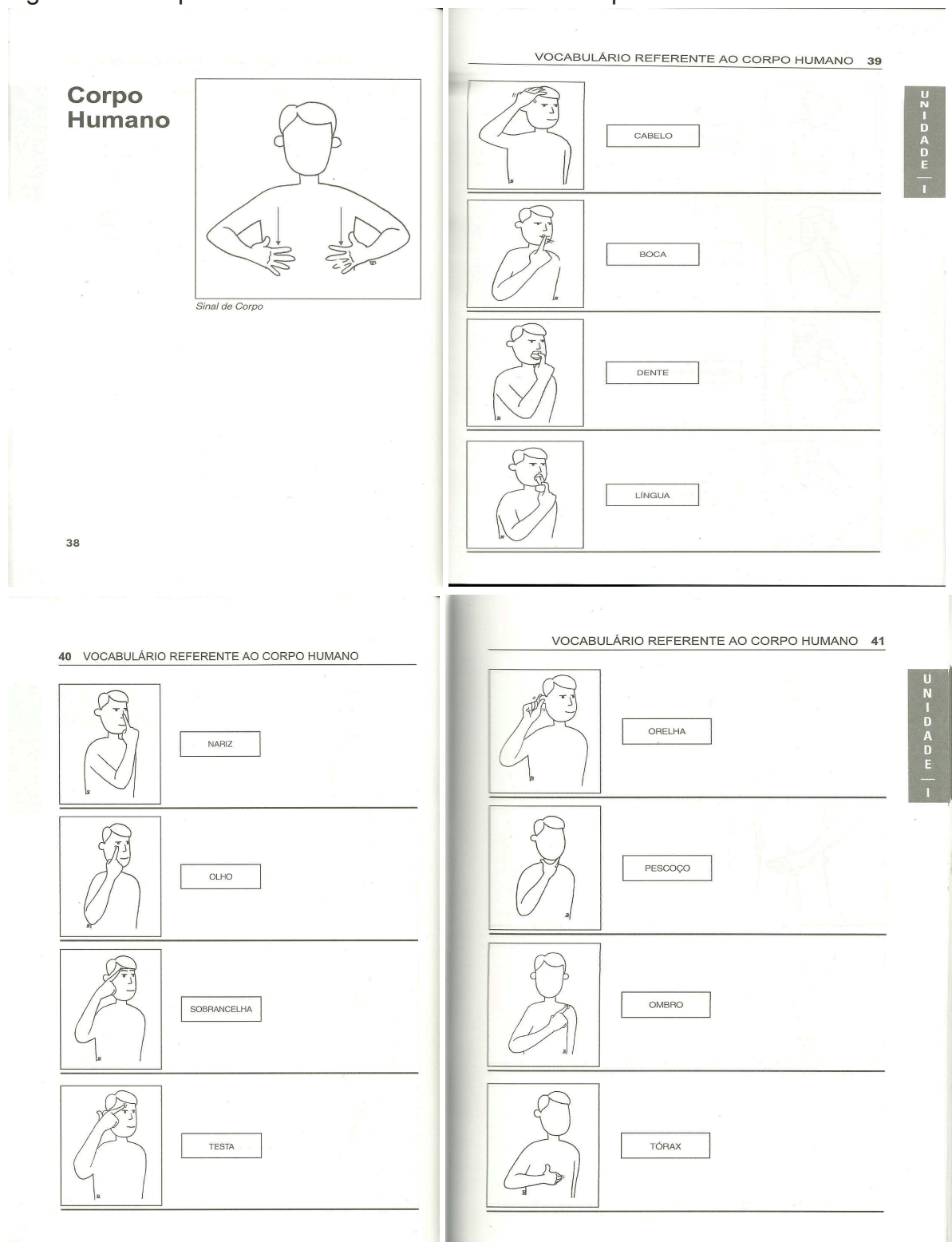
O ensino de ciências é de extrema importância e exige do professor uma grande responsabilidade, pois tem a função de propiciar ao aluno condições para que domine os conhecimentos científicos básicos, que o auxilie a compreender o que acontece à sua volta analisando os fatos de forma crítica e lógica procurando resolver problemas. Sendo dessa forma um cidadão ativo na sociedade. “Neste contexto, o papel das Ciências é o de colaborar para a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como indivíduo participativo e parte integrante do Universo” (PCN, 1997, p. 15).

É conveniente salientar que sendo a ciência tão importante para a formação do pensamento crítico, é necessário buscar práticas pedagógicas que visem aproximar a mesma das necessidades e demandas dos estudantes. Um dos objetivos indicados pelo PCN – Ciências naturais é que o aluno dotado de atitude científica seja capaz de:

Utilizar as diferentes linguagens- verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (PCN, 1997, p.7).

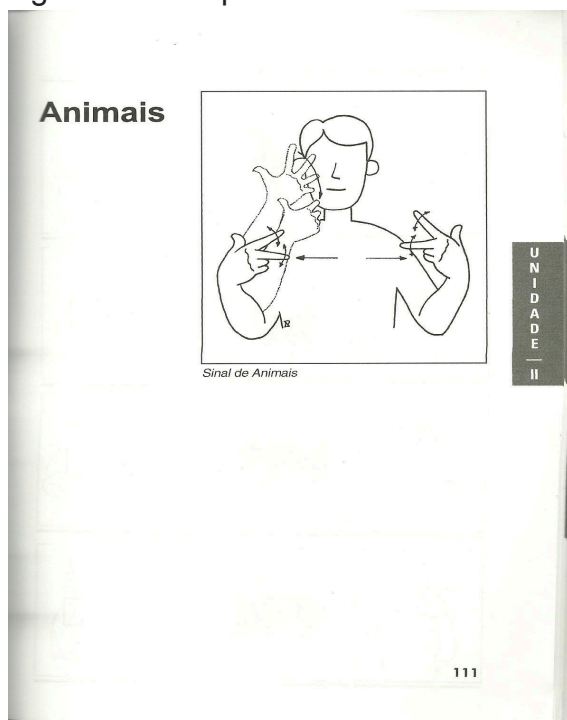
Pensando em atender essas diferentes intenções e situações de comunicação e suprir as demandas dos alunos surdos foram sugeridos os materiais abaixo, apresentados por (ALMEIDA & DUARTE, 2004).

Figura 1. Exemplos de vocabulários referentes ao corpo.

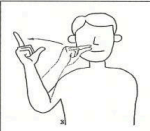
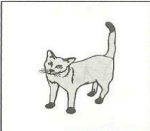
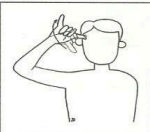
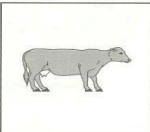
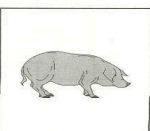


Fonte: (ALMEIRA & DUARTE, 2004).

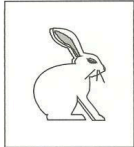
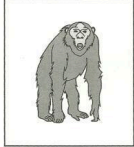
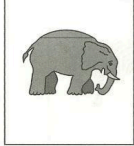
Figura 2. Exemplos de vocabulários referentes aos animais.



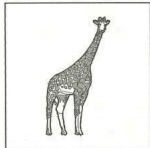
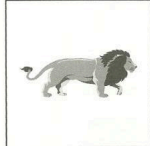
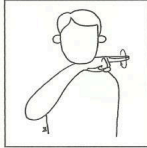
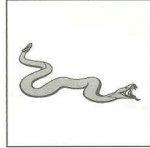
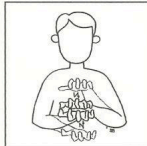
112 VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ANIMAIS

		CACHORRO
		GATO
		VACA
		PORCO

114 VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ANIMAIS

		COELHO
		MACACO
		ELEFANTE
		URSO

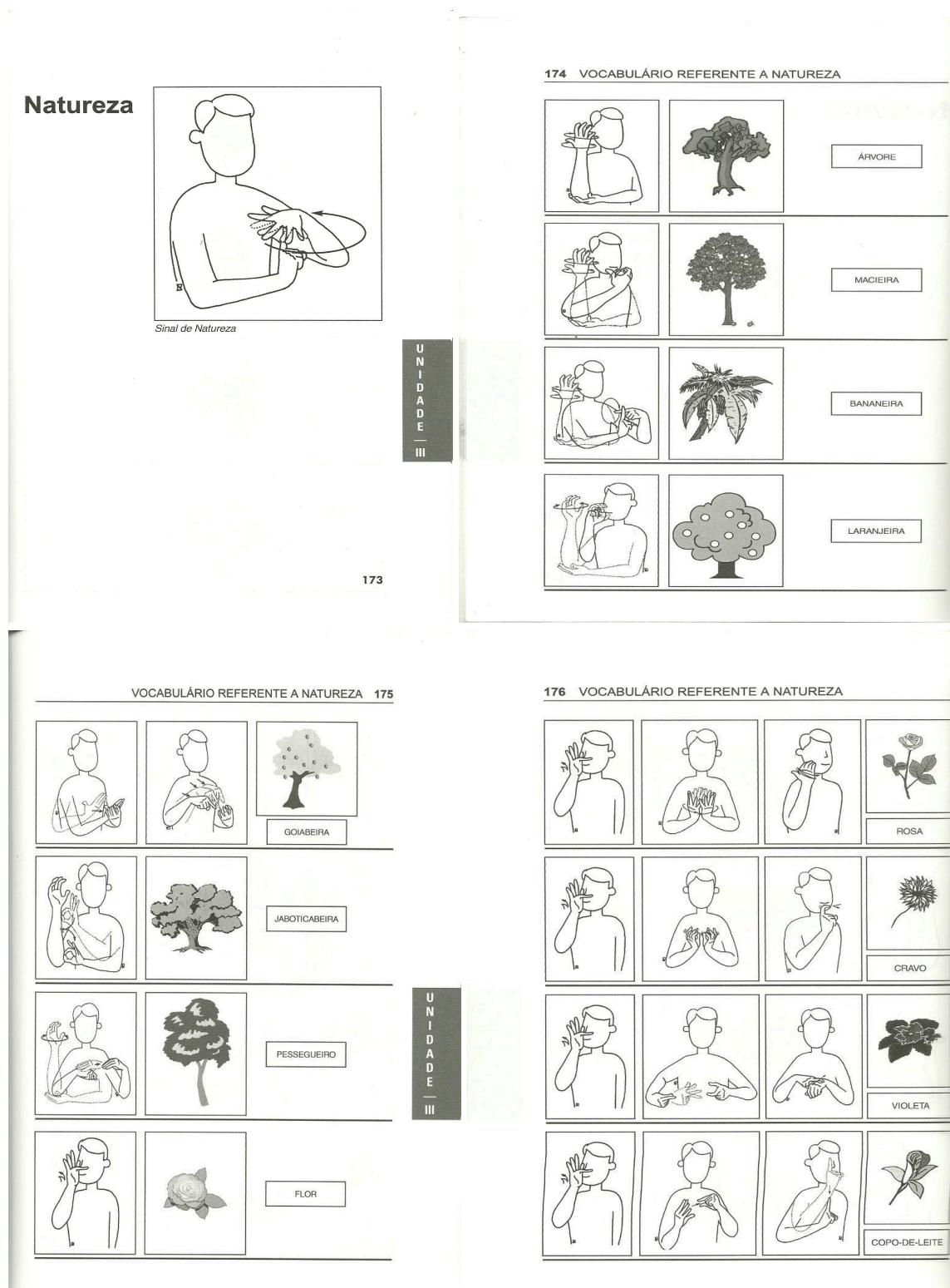
VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ANIMAIS 115

		GIRAFA
		LEÃO
		COBRA
		JACARÉ

UNIDADE II

Fonte: (ALMEIRA & DUARTE, 2004).

Figura 3. Exemplos de vocabulário referentes a Natureza



Fonte: (ALMEIRA & DUARTE, 2004).

No cenário escolar várias diferenças coexistem, e caso as especificidades dos alunos não sejam consideradas dificilmente essas diferenças se inter-relacionarão de forma harmônica e produtiva. Neste sentido dificilmente ocorreria à formação do pensamento crítico em alguns alunos, especialmente naqueles com necessidade educacional especial.

Considerando que a cidadania se refere à participação efetiva dos indivíduos, tenham eles necessidades educativas especiais ou não, torna-se evidente a necessidade do ensino de ciências para todos, inclusive para indivíduos surdos. Utilizando o recurso visual e a língua brasileira de sinais como peças essenciais no processo de mediação pedagógica.

Entretanto segundo (RAMOS, 2013) há pouquíssimos sinais em Libras que correspondem às palavras que resumem os conceitos científicos de Ciências, já registrados em Língua Portuguesa, o que dificulta o trabalho do professor e do interprete. A esse respeito (Prince, 2011, p 29) destaca:

A escassez de sinais para termos científicos é decorrente do histórico da educação de Surdos. Durante muitos anos a LIBRAS foi proibida, o que dificultou a criação e documentação de sinais específicos.

Diante dessa dificuldade surge à necessidade dos professores e intérpretes adaptarem materiais pedagógicos que possibilitem aos alunos surdos aquisição de conhecimentos científicos.

3.8 Elaboração dos materiais didáticos adaptados

“Também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais”, os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo” (FREITAS, 2007, p.21).

Se tratando, portanto de tudo aquilo utilizado para auxiliar e facilitar a aprendizagem do aluno e, ao mesmo tempo, auxiliar no ensino do professor, de forma a contribuir para uma aprendizagem bem-sucedida.

Geralmente, esses materiais são classificados como recursos visuais, auditivos ou audiovisuais, ou seja, recursos que podem estimular o estudante por

meio da percepção visual, auditiva ou ambas, simultaneamente (FREITAS, 2007, p.22). O que pode ser observado no quadro (tabela 2) abaixo:

Tabela 2. Classificação dos recursos audiovisuais

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS		
Recursos visuais	Recursos auditivos	Recursos audiovisuais
Álbum seriado	- Aparelho de som	- Filmes
Cartazes	- Discos	- Diapositivos e diafilmes com Som.
Exposição	- Fitas cassete	- Cinema sonoro
- Fotografias	- CDs	- Televisão
- Flanelógrafo	- Rádio	- Videocassete
- Gráficos	- CD-ROM	- Programas para computadores com som
- Gravuras		- Aparelho de DVD
- Mapas		- Computador
- Modelos		
- Mural		
- Museus		
- Objetos		
-Quadro de giz		
- Quadros		
- Transparências		

Fonte: (Freitas, 2007, p.22)

Portanto observamos que quaisquer materiais ou recursos utilizados na aprendizagem do aluno e na prática do professor podem ser considerados materiais didáticos.

Já no que diz respeito à elaboração ou adaptação desses materiais didáticos (Rocha, 2012, p. 27) diz que;

No Capítulo V, Art. 59 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n.º 9.394/96 – é assegurado aos alunos da educação especial “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”.

Deste modo a adaptação curricular é aceitável quando o conteúdo e os objetivos permanecem os mesmos, precisando modificar apenas a forma como o aluno terá acesso a esse mecanismo de aprendizagem, ou seja, o adaptar o material didático, pois adaptar seria o mesmo que ajustar ou modificar algo o tornando acessível ao público ao qual se destina. Como demonstrado nas imagens abaixo.

Figura 4. Jogo da Memória (Frutas)



Fonte: <http://oficinadelibras.blogspot.com.br/2012/08/sugestoes-de-materiais-pedagogicos-para.html>

Figura 5. Dominó em LIBRAS (Animais)



Fonte: <http://oficinadelibras.blogspot.com.br/2012/08/sugestoes-de-materiais-pedagogicos-para.html>

Figura 6. Quebra-Cabeça



Fonte: <http://oficinadelibras.blogspot.com.br/2012/08/sugestoes-de-materiais-pedagogicos-para.html>

Segundo Rocha (2012, p.29),

A elaboração de material encontra-se no mesmo patamar que a adaptação curricular: informações de caráter sugestivo a partir das experiências exitosas de professores que ensinam alunos surdos. E, conforme já abordado, muitas dessas sugestões referem-se ao ensino de LP escrita como segunda língua.

Sendo importante ressaltar que devido à falta da audição o surdo ira aprender por processos visuais e não auditivos como os demais alunos, e portanto cabe ao professor dar condições de acesso ao conhecimento a esse aluno por meio da elaboração de estratégias e principalmente a adaptações do material (vide em anexo) voltadas para essa característica do aluno surdo, trabalhando em conjunto com a LIBRAS.

3.9 Avaliação do aluno surdo

Segundo Kraemer (2006), avaliar vem do latim *a + valere*, que significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo. Sendo assim, avaliar é atribuir um juízo

de valor sobre a propriedade de um processo para a conferência da qualidade do seu resultado, e essa compreensão do processo de avaliação do processo ensino/aprendizagem associa-se o ato de avaliar ao de “medir” os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Para avaliar o surdo é importante a criação de estratégias, por parte do professor, interprete e da escola, afim de atender aos alunos surdos assim como as especificidades de sua escrita e a de qualquer outro indivíduo.

Sendo assim FERRARI (2010) ressalta,

Podemos dizer que, a avaliação do aluno surdo, deve contar com o auxílio do intérprete que o acompanha em sala de aula, acompanhamento este garantido por lei. Dessa forma, o professor avaliará, de forma contínua, o processo do ensino-aprendizagem, renunciando a visão tradicionalista e conservadora que muitos carregam até os dias de hoje ao se tratar de avaliação. Deve-se acompanhar o processo de ensino aprendizagem levando-se em conta que, a língua materna do aluno em específico é a Libras, diferentemente dos demais alunos envolvidos, que têm a língua portuguesa como a língua natural.

Aquele professor que não é habilitado em Libras deverá contar com apoio do profissional qualificado para elaboração e correção das avaliações, o qual servirá de apoio pedagógico para o professor regente naquela situação. Levando em consideração que alguns erros gramaticais estarão relacionados à aquisição da linguagem oral-auditiva que o aluno surdo não conhece. Sendo garantido em lei,

o Decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005, capítulo IV, artigo 14, instrui o processo avaliativo da criança surda em ensino regular, garantindo uma avaliação coerente e concisa:

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

Dessa maneira, não há como pensar em uma avaliação classificatória, generalizada, que abrange todos os alunos, ouvintes ou surdos, não levando em consideração as diversidades linguísticas existentes em sala de aula. Cabe ao professor elaborar estratégias avaliativas de forma com que o aluno surdo não seja inferiorizado nem tão pouco desprezado ou tido como incapaz. Também não se deve super valorizar a língua escrita esquecendo-se que, é pouco provável que o aluno surdo se torne exímio na escrita da língua portuguesa, uma vez que não possui contato com a língua oral-auditiva (FERRARI,2010).

Considerações finais

De acordo com pesquisas realizadas observamos que conforme relatos históricos a convivência de pessoas surdas na sociedade sempre foi difícil. O preconceito e dificuldade de comunicação entre surdos e ouvintes resultaram em problemas de socialização.

A discussão da literatura em torno de cultura e comunidade surda pressupõe uma diferença entre surdos e ouvintes criando dois polos distintos convivendo em um mesmo universo social. Todavia entendemos que a criação de grupos de surdos acaba sendo um reflexo da exclusão, ou seja, só existem cultura e comunidade surda, devido às dificuldades de interação entre surdos e ouvintes.

Uma proposta educacional bilíngue utilizando-se a língua de sinais e a língua da comunidade ouvinte local visa diminuir as distâncias existente entre surdos e ouvintes e favorecer a interação em consequência à inclusão. Especialmente se o bilinguismo for trabalhado ainda nas séries iniciais. Por que desta forma tanto o surdo aprenderia a língua portuguesa escrita, quanto os ouvintes teriam noções de língua de sinais.

A presença do intérprete em sala de aula como mediador pedagógico é de suma importância e garantido por lei. Porém é conveniente que se busque certa independência do aluno em relação ao intérprete, considerando que os surdos nem sempre terão intérpretes os acompanhando para intermediar suas relações sociais. Deste modo se surdos e ouvintes dominarem as duas línguas a comunicação se fará de forma natural, não havendo necessidade de se criar culturas e comunidades distintas entre surdos e ouvintes.

Estamos vivendo uma fase onde se busca a inclusão social. Entretanto é preciso lembrar que ainda existem muitas instituições de ensino especializadas exclusivamente para o ensino de pessoas com necessidades especiais, isso nos remete a idéia de segregação, ou seja, de separação entre escola para ouvintes e escola para surdos ou demais indivíduos PNE.

Observa-se também que em algumas escolas do ensino regular ocorre a inserção de alunos surdos. Porém não acontece uma interação efetiva entre alunos

surdos e ouvintes. Dessa forma o surdo fica isolado dos demais e dependendo exclusivamente do intérprete refletindo um processo de integração e não de inclusão. Daí a necessidade de se buscar alternativas que facilitem a inclusão desses alunos no ensino regular.

A elaboração de materiais didáticos adaptados em língua de sinais é imprescindível na educação inclusiva para surdos, considerando que esses materiais são de configuração espaço visual, e os surdos constroem sua concepção de mundo através da visão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Andréa Oliveira; FONSECA, Maria da Conceição Vinciprova. **Libras: a inclusão de surdos na escola regular** REVISTA PRÁXIS, ano V, nº 9, Junho de Rio de Janeiro, 2013.

ALPENDRE, Elizabeth Vidolir. **Concepções sobre surdez e linguagem e a aprendizagem de leitura**. Curitiba, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei 10.436/02**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 09 marços. 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Saberes e práticas da Inclusão: Dificuldades de comunicação e sinalização**. 4° ed. Brasília, 2006.

BRASIL. **Resolução cne/ceb nº 2, de 11 de setembro de 2001**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 16 mai.2014.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - Lei nº 8069/90. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10610880/artigo-55-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>. Acesso em: 25. mai.2014

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - Lei nº 8069/90. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10619333/artigo-5-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-d-e-1990>. Acesso em: 25 mai.2014

CAMPOS, Liliam. **Cultura e comunidade surdas**. Disponível em: <http://liliacamposmartins.blogspot.com.br/2010/11/cultura-e-comunidade-surdas.html>. Acesso: 22. mai.2014.

CHICON, José Francisco. SOARES, Jane Alves. **Compreendendo os Conceitos de Integração e Inclusão**. Disponível em: <http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/links-uteis/acessibilidade-e-inclusao/textos/compreendendo-os-conceitos-de-integracao-e-inclusao>. Acesso em: 04. mai. 2014.

DEUS, Maria de Lourdes Fonseca de. **Surdez: linguagem, comunicação e aprendizagem do aluno com surdez na sala de aula comum**. 2012.

FERRARI, Ana Carolina Machado. **A avaliação do aluno surdo na escola regular: generalização e fracasso**. Acessado no dia 13/05/14 em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-avaliacao-do-aluno-surdo-na-escola-regular-generalizacao-e-fracasso/46784/>

FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

G1 BRASIL. **23,9% dos brasileiros declaram ter alguma deficiência, diz IBGE**.

Disponível em:
1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/239-dos-brasileiros-declaram-ter-alguma-deficiencia-diz-ibge.html. Acesso em: 16.mai.2014.

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. 19/07/2006.

MIRANDA, Viviane Marques. **Surdez e identidade: existe uma cultura surda?**

Disponível em:
http://editora-arara-azul.com.br/cadernoacademico/tcc_viviane_m_miranda.pdf. Acesso em: 22. mai.2014.

NASCIMENTO, Rosangela Pereira. **Preparando professores para Promover a inclusão de alunos com Necessidades educacionais Especiais**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2496-8.pdf. Acesso em: 12 mai. 2014.

PCN. **Ciências naturais** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília MEC/SEF, 1997.

PEREIRA, Aline. SANTANA, Crislayne. SANTANA, Cristiano. **A educação especial no Brasil: acontecimentos Históricos**. Disponível em: http://geces.com.br/simposio/anais/anais-2012/Anais-010-021pdfSet. 2012. Acesso em: 10 mai. 2014.

MESERLIAN, Kátia Tavares. VITALIANO, Célia Regina. **Análise sobre a trajetória histórica da educação dos surdos**. 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3114_1617.pdf

PRINCE, Fernanda Maurer. **Ensino de Biologia para surdos: conquistas e desafios da atualidade**. São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2011/2o_2011/Fernanda_Prince.pdf. Acesso em: 21.mai.23014

QUADROS, Ronice Muller, **Educação de Surdos, A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller, SHIMIEDT, Magali L P **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RAMOS. Danilo Prado. **O ensino de Ciências em Libras para surdos**. São Paulo, 2013. Disponível em:

http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/br/ebook/Textos/Danilo_Prado_. Acesso: 21. mai. 2014

ROCHA, Andréia de Lima campos. **Elaboração de materiais didáticos: Uma necessidade na educação de surdos**. Brasília, 2012.

RODRIGUES, Marta Cristina. **Educação especial no Brasil** Disponível em: http://www.uninove.br/marketing/viii_coloquio/pdfs/completos/Marta_Cristina_Rodrigues.pdf. Acesso em: 11 mai. 2014.

RODRIGUES, Cinthia. **Minoria surda que estuda sai de sala especial para regular**. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/minoria+surda+que+estuda+sai+de+sala+especial+para+regular/n1597119749750.html>. Acesso em: 16. Mai.2014.

SANTANA, Ana Paula. BERGAMO, Alexandre **Cultura e identidade surda: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>. Acesso em 22. mai. 2014.

SASSAKI, Romeu, K. **Inclusão. Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro, 1997, WVA.

MESERLIAN, Kátia Tavares. VITALIANO, Célia Regina. **Análise sobre a trajetória histórica da educação dos surdos**. 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3114_1617.pdf

SILVA, Liliane Bezerra. **Inclusão de alunos surdos na escola municipal de ensino fundamental João Moreira Soares**. Disponível em: http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/inclusao_de_alunos_surdos_na_escola_municipal_de_ensino_fundamental_joao_moreira_soares_2011.pdf. Acesso em: 16. Mai. 2014.

SILVA, Ianê de Albuquerque. **Inclusão escolar: adaptação curricular para alunos surdos**. Disponível em: [http://editora-arara-azul.com.br/portal/images/revista/edi%C3%A7%C3%A3o11/recursos/6\)%20Silva%20REVISTA%2011.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/portal/images/revista/edi%C3%A7%C3%A3o11/recursos/6)%20Silva%20REVISTA%2011.pdf). Acesso em: 13 de mai. 2014.

SLOMSKI, Vilma Geni. **Educação bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas**. Curitiba: Juruá, 2011.

STRÖBEL, Karin Lilian. **História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

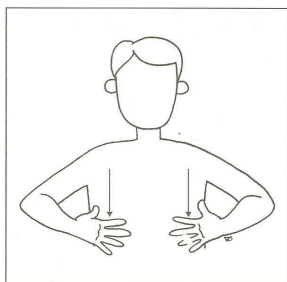
Imagens:

ALMEIRA, Elizabeth Crepaldi de Almeida; DUARTE, Patrícia Moreira. **Atividades Ilustradas em Sinais da LIBRAS**. Editora Revinter,2004.

BRITO, Elineide. **Atividades de Ciências**. Rio grande do Norte. Acessado em: <http://mundinhodacrianca10.blogspot.com.br/p/ciencias.html> no dia 26/05/14.

QUADROS, Ronice Muller. CRUZ, Carina Rebelo. **Lingua de Sinais. Instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed,2011.

VANIELE Andresa. **Sugestões de Materiais Pedagógicos para alunos surdos**. José Bonifacio,2012. Acessado em: <http://oficinadelibras.blogspot.com.br/2012/08/sugestoes-de-materiais-pedagogicos-para.html> no dia 26/05/14.

ANEXOS A**Exemplos de vocabulário referentes ao corpo humano****Corpo Humano***Sinal de Corpo*

38

VOCABULÁRIO REFERENTE AO CORPO HUMANO 39

CABELO



BOCA



DENTE



LÍNGUA

**UNIDADE
I**

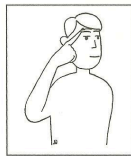
40 VOCABULÁRIO REFERENTE AO CORPO HUMANO



NARIZ



OLHO

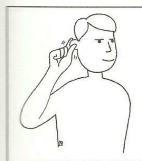


SOBRANCELHA

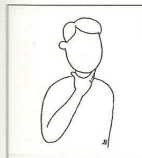


TESTA

VOCABULÁRIO REFERENTE AO CORPO HUMANO 41



ORELHA



PESCOÇO

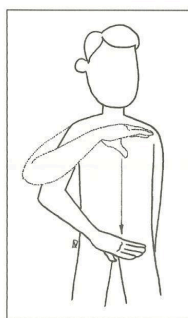


OMBRO



TÓRAX

42 VOCABULÁRIO REFERENTE AO CORPO HUMANO



TRONCO



BARRIGA



BRAÇO

VOCABULÁRIO REFERENTE AO CORPO HUMANO 43



COTOVELO



MÃO

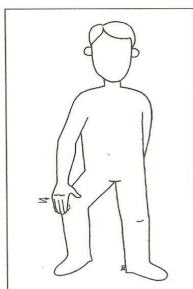


DEDO



QUADRIL

44 VOCABULÁRIO REFERENTE AO CORPO HUMANO



JOELHO

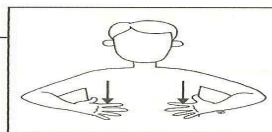


PÉ

ANEXO B

Atividades sobre o corpo humano

CORPO HUMANO



1 – As partes do rosto em Sinais são apontadas no próprio corpo. Ligue as palavras escritas às partes do rosto no desenho abaixo.



TESTA



CABELO



ORELHA



NARIZ



BOCA



LÍNGUA



SOBRANCELHA



CABEÇA



OLHO

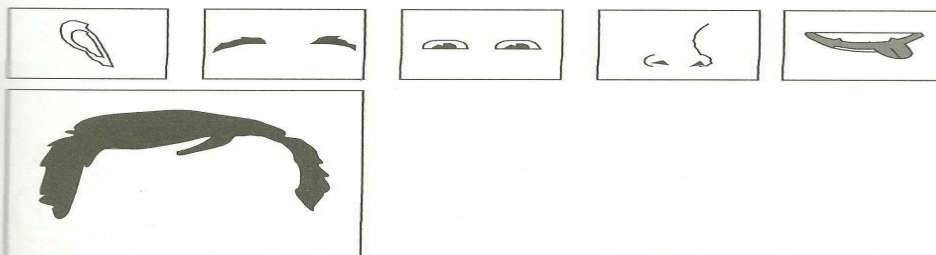


DENTE



ATIVIDADES ILUSTRADAS EM SINAIS DA LIBRAS 47

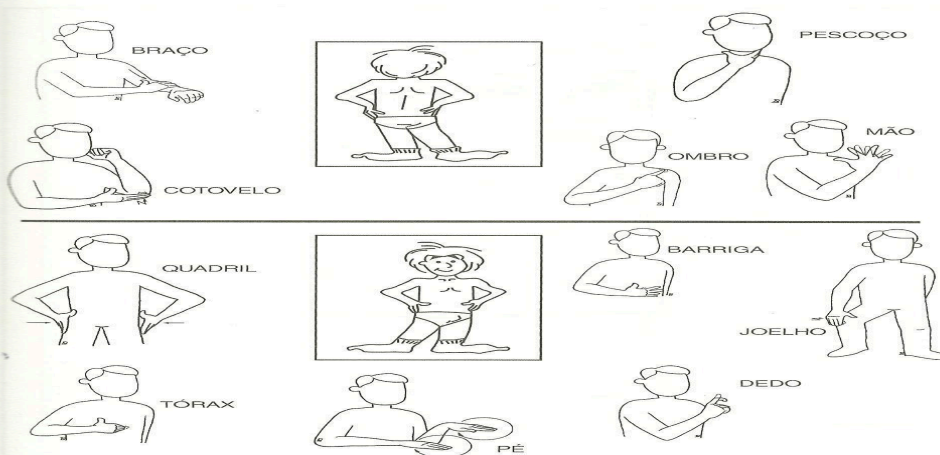
2 – Recorte as partes do rosto e depois monte-o.
Escreva o nome em cada uma das partes e pratique o sinal das mesmas.



UNIDADE I

ATIVIDADES ILUSTRADAS EM SINAIS DA LIBRAS 49

3 – Pinte o corpo humano de frente e de costas bem bonito. Pratique o sinal de cada uma das partes do tronco e ligue cada uma delas à escrita correspondente.

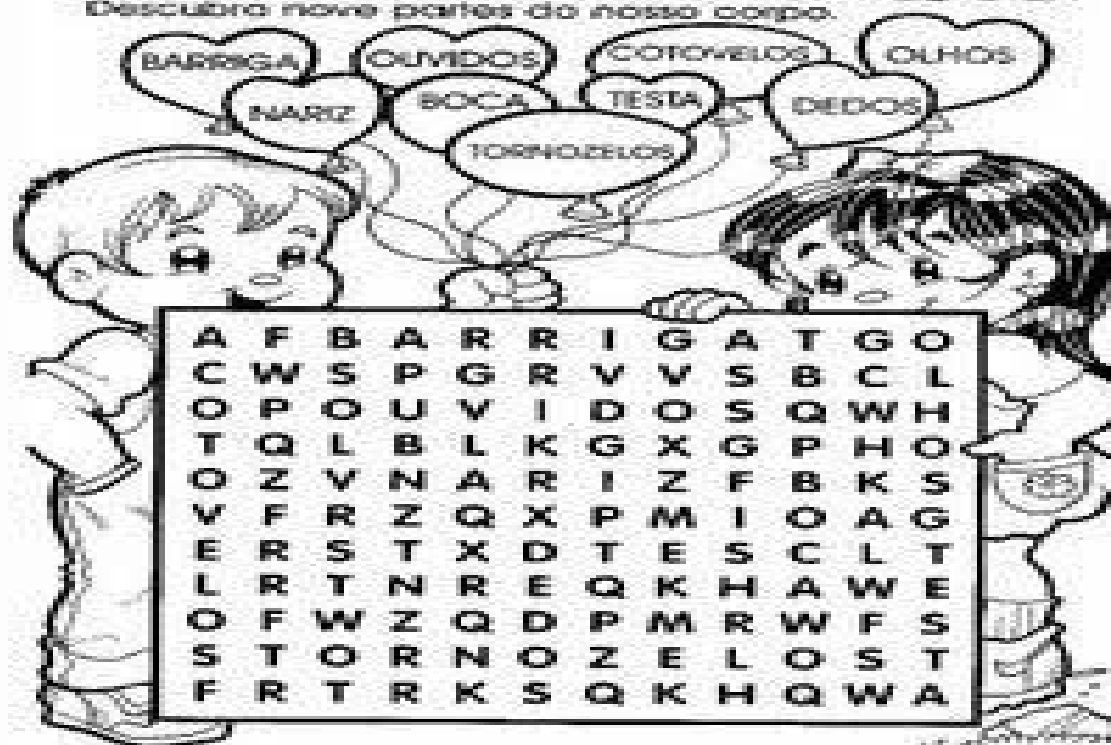


UNIDADE I

Fonte: (ALMEIRA & DUARTE,,2004).

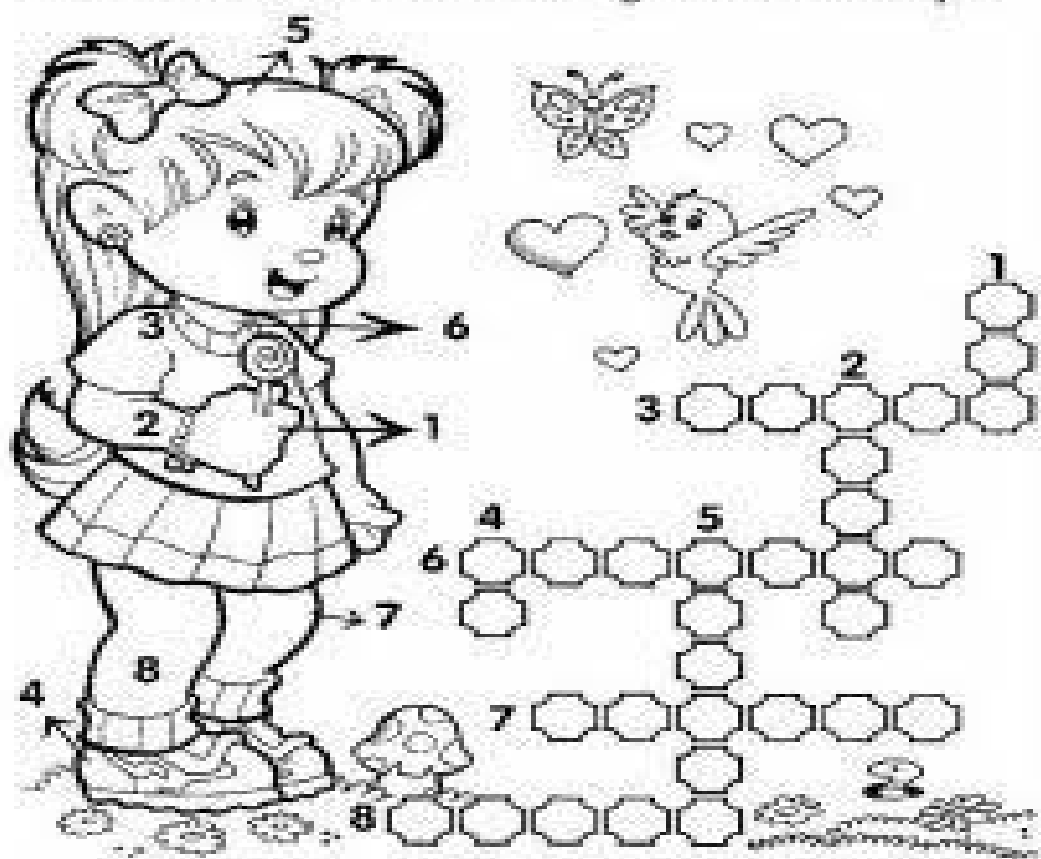
COCA-PALAVRAS

Descubra nove partes do nosso corpo.



PARTES do CORPO

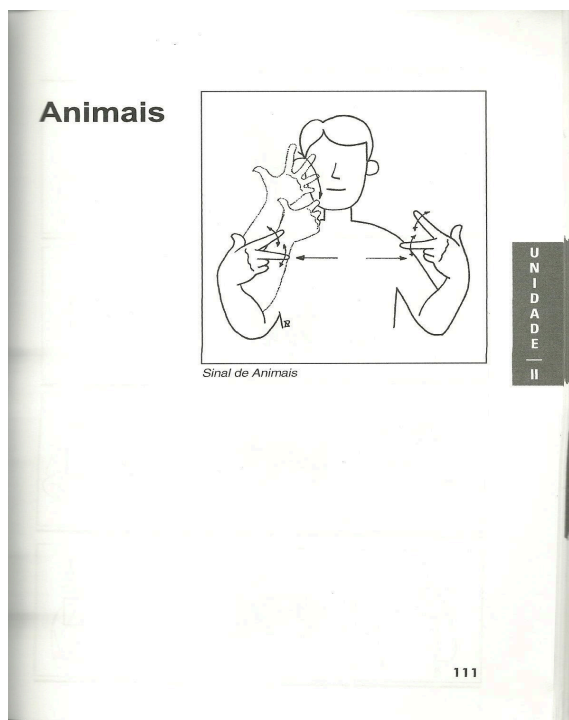
Cada parte do meu corpo tem uma função.
Escreva o nome de cada uma seguindo a numeração.



Fonte: <http://mundinhodacrianca10.blogspot.com.br/p/ciencias.html>

ANEXO C

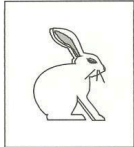
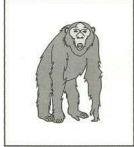
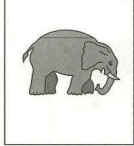
Exemplos de vocabulário referentes aos animais, aves e insetos



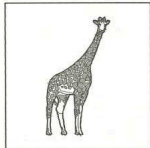
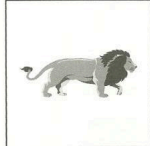
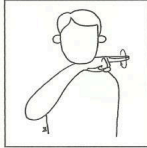
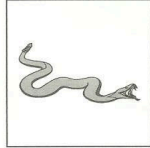
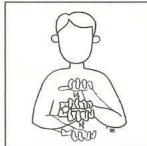
112 VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ANIMAIS

		CACHORRO
		GATO
		VACA
		PORCO

114 VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ANIMAIS

		COELHO
		MACACO
		ELEFANTE
		URSO

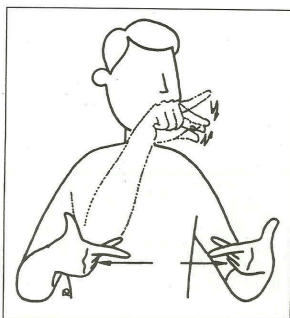
VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ANIMAIS 115

		GIRAFA
		LEÃO
		COBRA
		JACARÉ

UNIDADE II

Fonte: (ALMEIRA & DUARTE,,2004).

Aves



Sinal de Aves

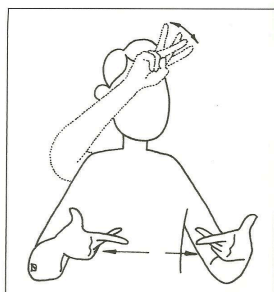
121

UNIDADE
II

122 VOCABULÁRIO REFERENTE A AVES

		PATO
		PAVÃO
		POMBA
		BEIJA-FLOR

Insetos



Sinal de Insetos

126

VOCABULÁRIO REFERENTE AOS INSETOS 127

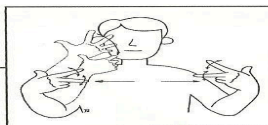
		ABELHA
		ARANHA
		BARATA
		BORBOLETA

UNIDADE
II

ANEXO C

Atividades sobre os animais, aves e insetos

ANIMAIS SELVAGENS



1 – Ligue os seus desenhos aos seus nomes e sinais.



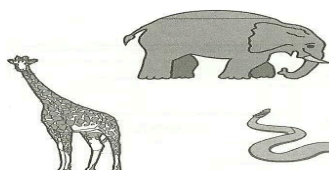
MACACO



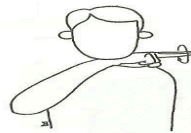
ELEFANTE



URSO



LEÃO



COBRA



GIRAFÁ

116

ANIMAIS DOMÉSTICOS



1 – Ligue as palavras aos sinais e desenhos correspondentes.



CÃO

CAVALO

GALINHA

COELHO

GATO

RATO

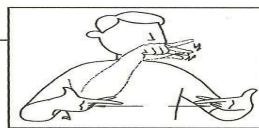
PORCO

VACA



118

AVES



1 – Ache os desenhos iguais e ligue-os.



BEIJA-FLOR



CORUJA



PAPAGAIO



124

INSETOS



1 – Organize as letras e escreva a palavra observando o sinal.



A R O C
A C L



M H O C
A N I



R T
A A B A



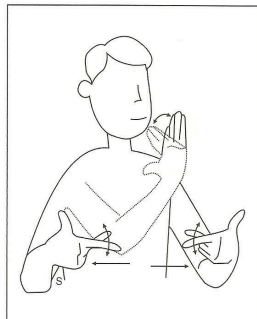
E B L A A
B A A H

130

ANEXO D

Exemplos de vocabulário referentes ao corpo humano

Alimentos



Sinal de Alimentos

135

UNIDADE III

136 VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ALIMENTOS

		PÃO
		MANTEIGA
		QUEIJO
		OVO

VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ALIMENTOS 139

		ARROZ
		FELIÃO
		SALADA
		BATATA

UNIDADE III

VOCABULÁRIO REFERENTE AOS ALIMENTOS 141

		CENOURA
		MANDIOCA
		BERINJELA
		ERVILHA

UNIDADE III

Fonte: (ALMEIRA & DUARTE,,2004).

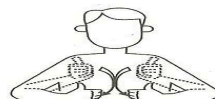
ANEXO E

Atividades sobre os Alimentos

ALIMENTOS



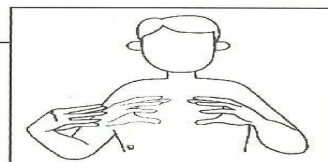
1 – Circule os alimentos que você mais gosta e ligue ao seu sinal.



145

UNIDADE
III

LEGUMES



1 – Ligue o nome do legume ao seu sinal e desenho, utilizando cores diferentes para ligar cada um deles.



ALHO



CHUCHU



BETERRABA



PIMENTA



CENOURA



ERVILHA



FEIJÃO



CEBOLA

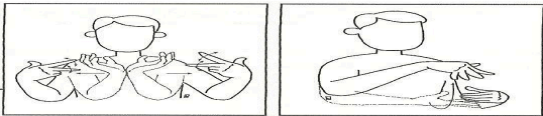
PEPINO



148

Fonte: (ALMEIRA & DUARTE,,2004).

VERDURAS E CEREAIS



1 – Olhe o desenho com o seu sinal e ordene a escrita.




FA CE AL




VE COU FLOR




LHO MI




GO TRI

2 – Faça um círculo nas verduras, um quadrado nos cereais, pinte os desenhos e escreva o nome de cada um deles.







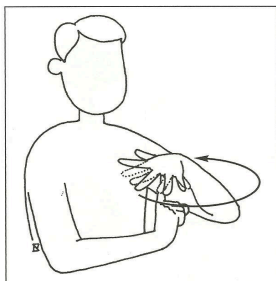
153

Fonte: (ALMEIRA & DUARTE,,2004).

ANEXO F

Exemplos de vocabulário referentes a Natureza

Natureza



Sinal de Natureza

173

UNIDADE III

174 VOCABULÁRIO REFERENTE A NATUREZA

		ÁRVORE
		MACIEIRA
		BANANEIRA
		LARANJEIRA

VOCABULÁRIO REFERENTE A NATUREZA 175

		GOIABEIRA
		JABOTICABEIRA
		PESSEQUEIRO
		FLOR

UNIDADE III

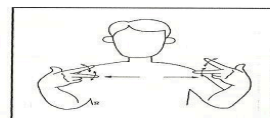
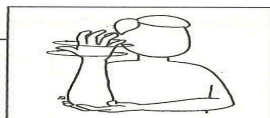
176 VOCABULÁRIO REFERENTE A NATUREZA

		ROSA
		CRAVO
		VIOLETA
		COPO-DE-LEITE

ANEXO G

Atividades sobre Natureza

ÁRVORES



1 – Faça um círculo ao redor da palavra que corresponde à figura e ao sinal.



BANANEIRA
GOIABEIRA
PESSEGUEIRA

LARANJEIRA
MACIEIRA
JABOTICABEIRA

2 – Ligue o sinal à árvore correspondente.



ATIVIDADES ILUSTRADAS EM SINAIS DA LIBRAS 179

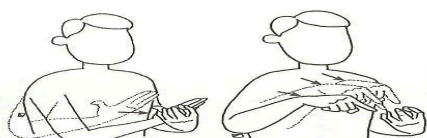
3 – Desembaralhe as letras e forme as palavras correspondentes ao sinal.



	N		
B	N	I	A
A	A	E	R



	A	A	E	B
J	A	T	I	
B	O	C	A	R
	I			



E	I	O	A	I
G	B	R	A	

UNIDADE III

ATIVIDADES ILUSTRADAS EM SINAIS DA LIBRAS 183

3 – Ligue cada uma das flores ao sinal correspondente.



UNIDADE III

ANEXO G

Exemplos de Jogos adaptados em LIBRAS

Jogo da Memória (Frutas)



Fonte: <http://oficinadelibras.blogspot.com.br/2012/08/sugestoes-de-materiais-pedagogicos-para.html>

Dominó em LIBRAS (Animais)

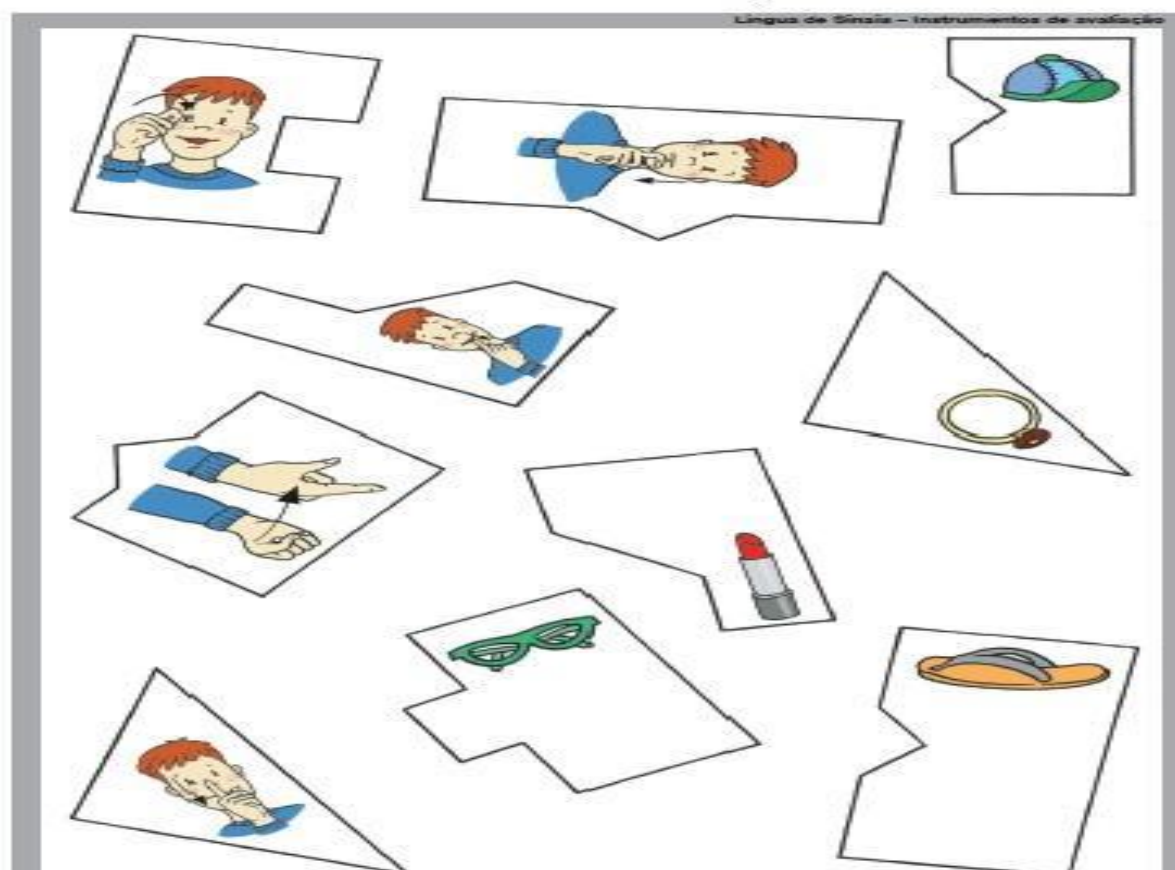


Fonte: <http://oficinadelibras.blogspot.com.br/2012/08/sugestoes-de-materiais-pedagogicos-para.html>

Quebra-Cabeça



Fonte: <http://oficinadelibras.blogspot.com.br/2012/08/sugestoes-de-materiais-pedagogicos-para.html>



Fonte: (QUADROS & CRUZ, 2011)